

O público literário brasileiro no contexto das transferências culturais para o Rio de Janeiro no século XIX¹

Resultado de investigação finalizada/ Pesquisa concluída (Doutorado em Sociologia)

Grupo de Trabalho: nº 32 (Sociologia da Arte e da Cultura)

Alexandro Henrique PAIXÃO

Resumo:

A pesquisa de doutorado versou sobre frações de públicos leitores no Brasil oitocentista a partir das transferências culturais entre duas “capitais literárias” (Paris- Rio de Janeiro). Acerca deste público, tracei o perfil sociológico de um grupo social específico, os caixeiros portugueses, que cuidaram da recepção do romance francês de Alexandre Dumas no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Uma vez definido o grupo estratégico, foi possível compreender que os processos de recepção do romance-folhetim no Rio de Janeiro não passaram somente pelo crivo da elite carioca. Homens pertencentes aos estratos médios também criaram um universo sentido em torno do fato literário, e este assunto careceu de reflexão no âmbito da sociologia da literatura.

Palavras-Chave: Público literário; Transferência cultural; Romance-folhetim

Iniciemos com um problema específico: dentre as radicais transformações sociais ocorridas na sociedade parisiense do século XIX, destaca-se uma de feição literária e relacionada à presença do folhetim. Segundo Walter Benjamin, foi Charles Baudelaire (1821-1867) que anteviu o processo social de substituição da antiga forma de comunicação, a poesia, pela forma folhetinesca (W. BENJAMIN, 2000, p. 104). E entre os motivos de tais mudanças observa-se o desenvolvimento do mercado editorial francês que, combinado com mudanças estruturais importantes (como acesso à educação e aos bens de propriedade), dentro do contexto da sociedade industrial (W. BENJAMIN, op. cit., p. 23; K. MARX, 1990), geraram empregos e novas oportunidades para a classe trabalhadora, como a disposição para a prática de leitura literária (R. CHARTIER, 1996). Forma-se, portanto, neste contexto, um novo gosto e um novo público literário (L. L. SCHUCKING, 1950, pp. 37-63), cujas necessidades elevam tanto o romance a gênero de primeiro plano quanto dão vida a escritores de sucesso, como Alexandre Dumas.

Guardadas as proporções, no mesmo século e ao mesmo tempo, só que do outro lado do Atlântico, a forma literária vigente, por sua vez ligada à tradição oral, foi lentamente substituída por outra, a escrita. Na passagem da Colônia ao Império, no âmbito da literatura, a oratória sacra vai sendo arrefecida pelo estabelecimento de formas artísticas de cunho literário, sobretudo, relacionadas à poesia e à prosa (A. CANDIDO e J. A. CASTELLO, 1985, p. 162). No entanto, as reformas sociais e literárias prolongam-se no decorrer do século e, entre o Primeiro e o Segundo Reinado, nota-se que o romantismo em voga repudia as formas clássicas de literatura, sobretudo aquelas advindas do arcadismo do último quartel do século XVIII (A. CANDIDO, 2000, pp. 11-14; A. CANDIDO, 2002, p.

¹ Este texto é uma versão extraída do preâmbulo e do primeiro capítulo da minha tese de doutoramento intitulada “Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado”, defendida em 22 de junho de 2012, na Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo (Brasil). Parte do primeiro capítulo também figura num artigo da *Revista Escritos da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Ver A. H. PAIXÃO, 2011. Atualmente, desenvolvo aspectos deste tema numa pesquisa de Pós-Doutorado vinculada ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas/SP – Brasil, com o financiamento da FAPESP.

20). Estamos no século XIX brasileiro, e ao lado da poesia, onde se destacam “[...] as notas marcantes do nosso romantismo”, (A. CANDIDO e J. A. CASTELLO, op.cit., p. 162) estabelece-se também outra forma literária, o folhetim brasileiro, nas feições variedades e romance (M. MEYER, 1998, p. 118). É neste momento (estamos no decênio de 1830) que o romance em sua forma folhetinesca circula por diferentes capitais literárias (M. ESPAGNE, 2002, p. 333)² – como Paris/França e Rio de Janeiro/Brasil – vindo a ocupar no Rio de Janeiro, primeiro, o rodapé dos jornais, depois a forma do livro. Em relação ao público leitor que se forma nesta época – a despeito de não existir radicais mudanças estruturais no Brasil patriarcal, proporcionando, por exemplo, educação para os homens livres e promovendo o fim da escravidão –, experiências privadas de sociabilidade e leitura gestadas por camadas sociais não dominantes vão criar outro universo de sentido em relação a este quadro de debilidade cultural nacional. O romance-folhetim, na verdade, vai contar com o suporte de um público que irá se formar para além das elites letradas brasileiras – aonde se supõe sempre existirem condições estruturais necessárias (como educação e bens baseados na propriedade) para dar suporte à literatura existente –, localizado nos estratos médios, conforme ainda irei apresentar.

Parte desta história literária que se desenrola, portanto, entre a França e o Brasil oitocentistas pode ser contada levando em consideração os processos de “apropriação” e “tradução” existentes no século XIX, afinal, o romance-folhetim francês circulou por distintos espaços nacionais graças a diferentes mediadores culturais (D. COOPER-RICHET, 2005, pp. 13-14), como livreiros, editores, revisores, escritores, tradutores etc.³ E quando o assunto é a tradução do romance-folhetim francês vertido para o vernáculo, deve-se ter em mente que este processo envolve uma constelação de relações locais com o espaço estrangeiro, criando uma história cultural transnacional (J.Y. MOLLIER, 2008, pp. 225-238; M. ESPAGNE, 1999, pp. 130-131), cujos eventos marcantes são a fundação do *Jornal do Commercio*, pelo francês Pierre Plancher, a livraria Garnier, também francesa, e os gabinetes de leitura, com destaque para o Gabinete Português. No caso da questão da apropriação, ela está inscrita nesta mesma chave, pois interessa considerar que o romance-folhetim francês foi recebido de diversas maneiras tanto na vida brasileira como na dos franceses. Lembro que praticamente no mesmo instante em que o romance-folhetim começou a ser publicado nos rodapés dos jornais franceses, a imprensa brasileira, sincronicamente, se pôs a traduzir as obras também fatiadas no rodapé dos jornais brasileiros, o que revela que a técnica e o manejo da convenção folhetinesca eram ainda incipientes nos dois países. Esta dinâmica entre França e Brasil pode ser reconhecida observando a produção do primeiro folhetim brasileiro, *O Aniversário de D. Miguel em 1828*, de João Manuel Pereira da Silva. Datado de 1839, o folhetim foi publicado no Brasil com um pequeno intervalo de tempo em relação ao *Le Capitain Paul*, de Alexandre Dumas, impresso em 1838 no *Le Siècle*, e traduzido no rodapé do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro poucas semanas depois, graças às relações dinâmicas entre França e Brasil (I. HEINEBERG, 2004, pp. 02-41).

Uma nova forma literária esteve ancorada, portanto, num processo de “globalização” (*mondialisation*) da cultura francesa no século XIX, pondo em contato duas culturas (francesa e brasileira) através do romance-folhetim, constituindo aquilo que se denominou como “transferências culturais” entre a França e o Brasil no século XIX. O termo transferência cultural nasceu na França no início da década de 1980, através de um grupo de estudiosos interessados em trabalhar a história da intelectualidade entre a França e a Alemanha no século XIX. Seu significado envolve o tratamento simultâneo de muitos espaços nacionais, dos seus elementos comuns, no entanto, vai além da justaposição entre os espaços. Em contrapartida, abarca as misturas, as trocas, na direção contrária às perspectivas centradas em formas homogêneas dos contatos, pois os processos nacionais são diferentes e as trocas entre os espaços se dão sempre de maneira heterogênea (M. ESPAGNE, 1999, pp.1-15).

² Por capital literária entenda-se um lugar onde há produção e difusão de literatura e prática de leitura.

³ O mediador cultural ou “*passer culturel*” é um homem duplo, aquele que se encontra em contato entre duas culturas, cuja posição intermediária separa o produtor da cultura e o público.

Não é, portanto, de uma criação *ex nihilo* realizada localmente, mas de uma “transferência cultural” do romance-folhetim francês no Brasil que aqui se destaca. Nunca é “um dar e um tomar”, como dizia Florestan Fernandes, que realizou uma reflexão sociológica pioneira dentro do pensamento social brasileiro sobre a questão da “reciprocidade de influências”, cujo sentido das transferências é o mesmo. Cito o estudo de Florestan Fernandes (1968),⁴ que emprega o termo transferência e transplantação como sinônimos: “Tem-se discutido a transplantação como se ela fosse um processo automático, um dar e um tomar, no qual apenas entrariam em jogo imitação, cópia e reprodução. Entretanto, essa focalização do processo é falaciosa, pelo menos no que tange aos povos do Novo Mundo. O aspecto essencial, no caso, não é a transferência de conteúdos e práticas culturais, em si mesmos, mas o modo pelo qual a própria transferência se desenrola historicamente e socialmente. Os europeus que migraram para o Novo Mundo trouxeram consigo uma civilização da qual não se pretendiam descartar e da qual não se separaram. Portanto, a transferência envolvia disposições emocionais, racionais e morais fundamentais, que convertiam a transplantação numa complexa reconstrução das condições exteriores de existência social” (F. FERNANDES, 2009, p.100). Como vemos, o sentido de transferência cultural, guardadas as proporções, já tinha sido exposto no Brasil por Florestan Fernandes. Apoiados nisso e contando também com as contribuições da perspectiva francesa, finalizo este excuro citando Espagne: “Un transfert culturel n’est pas déterminé principalement par un souci d’exportation. Au contraire c’est la conjoncture du contexte d’accueil qui définit largement ce qui, déjà présent dans un mémoire nationale latente, doit être réactivé pour servir dans les débats de l’heure” (M. ESPAGNE, op. cit., p. 156).

E é com este novo gênero literário, o romance-folhetim, que o leitor letrado brasileiro do século XIX passa a se habituar e a se entreter, deixando a impressão de que, assim como na Paris de Baudelaire, o universo lírico (sublime) da poesia romântica começava a dar espaço para o mundo prosaico (melodramático) do folhetim romântico. Visto assim, supõe-se que uma nova forma literária vai consolidar, gradualmente, o romance enquanto gênero de primeiro plano, e tudo isso graças à presença de um público leitor. Juntamente com a ascensão do romance-folhetim, forma-se, portanto, na capital do Império, um público portador e suporte da literatura que não advém da elite carioca, mas dos estratos médios dos comerciantes da cidade. Trata-se de um grupo social identificado como caixeiros portugueses, que será *uma* fração responsável pela recepção da literatura folhetinesca dentro de uma biblioteca particular. Estou me referindo ao Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, onde encontramos um público para o folhetim francês na década de 1860.

Os quadros abaixo apresentam a frequência dos leitores e a movimentação de livros que eles criaram na biblioteca do Gabinete Português de Leitura durante uma década:

| Ano | 1861 | 1862 | 1863 | 1864 | 1865 | 1866 | 1867 | 1868 | 1869 | 1870 |
|----------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Leitores | 2938 | 3145 | 3152 | 3002 | 2145 | 2109 | 1315 | 2183 | 2250 | 2295 |

Quadro 1: Movimentação dos leitores na biblioteca do Gabinete Português de Leitura

⁴ Este termo “reciprocidade de influências” não aparece neste estudo de 1968, aqui destacado, todavia, fiz questão de recuperá-lo para lembrar que Florestan Fernandes já tinha introduzido este debate das influências recíprocas entre Brasil e Europa já em 1946, quando escreveu um ensaio (na *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 106, pp. 135-158, jan/fev. 1946) sobre Mario de Andrade e o folclore brasileiro (F. FERNANDES, 2010, p. 65).

| Ano | 1860 | 1862 | 1863 | 1864 | 1867 | 1868 | 1869 | 1870 |
|---------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Entrada e Saída de Livros | 33.819 | 30.153 | 29.993 | 31.935 | 26.720 | 25.760 | 31.496 | 38.459 |

Quadro 2: Movimento de entrada e saída de livros da biblioteca do Gabinete Português de Leitura.

Ambos os quadros se referem à movimentação dos leitores e dos livros na biblioteca do Gabinete Português de Leitura durante dez anos. Estes leitores figuram entre sócios portugueses que pagavam uma mensalidade ao Gabinete e que podiam, além de desfrutar da biblioteca, ocupar cargos administrativos nas funções de presidente, secretário, tesoureiro e membros do conselho deliberativo, todos escolhidos pelos próprios acionistas por meio de votação em assembleias. Trata-se, portanto, de relações pautadas na propriedade individual e no interesse coletivo, voltado ao funcionamento da biblioteca, da associação e das suas agremiações. Contudo, devo dizer que apesar do grande número de frequentadores da biblioteca - a média aproximada é maior que mil e menor que mil e quinhentos portugueses por ano na década de 1860 -, foi possível caracterizar não mais que 5% dos acionistas, sendo que a maioria aparece como membros da diretoria.⁵ Minha hipótese, portanto, é que esta pequena porcentagem é a amostra possível do público frequentador do Gabinete, conseqüentemente, da sua biblioteca. Sobre seu perfil sócio-profissional, trata-se de um público formado em sua maioria por comerciantes, agraciados certas vezes com comendas, e conhecidos como a “classe caixeiral” do Rio de Janeiro, formada no seio da emigração portuguesa para o Brasil a partir de 1840.

É dentro dessa comunidade portuguesa que encontramos alguns dos emigrantes que compunham o quadro de sócios do Gabinete Português de Leitura, caixeiros que vieram para o Brasil nas mesmas condições de todo emigrante: ainda jovens, chegavam à cidade para trabalhar no comércio e aos poucos se estabeleciam, graças aos favores encontrados no seio da comunidade portuguesa ou junto às comendas do Imperador; isso aconteceu com quase todos os emigrantes portugueses que se tornaram membros da diretoria do Gabinete Português de Leitura e depois adquiriram comendas a partir de 1870, mas isso já é outro assunto.

Acerca dos livros que interessavam a este público, como as fichas de empréstimos estão desaparecidas, tive que contar com a análise dos catálogos e outros documentos impressos (“Relatórios da Diretoria”, “Livro do Copiador”,⁶ cartas etc.) para construir, pelo menos como hipótese, conclusões acerca das demandas e preferências literárias do público frequentador. E todas as minhas conclusões apontaram para um gênero literário e um escritor específico. Estou me referindo aos romances-folhetins de Alexandre Dumas.

A despeito da variedade de escritores e de obras que circulavam no Brasil, mais franceses do que propriamente brasileiros, Alexandre Dumas destaca-se entre os escritores arrolados no catálogo do Gabinete Português de Leitura num período específico (1850-1870). O quadro abaixo ajuda a matizar essa questão da preferência do público do Gabinete pelo escritor francês:

⁵ Apesar dos esforços empenhados durante a pesquisa, contando com o apoio da presidência e funcionários do Gabinete, muitos arquivos e documentos referentes ao século XIX não foram localizados.

⁶ O "Livro do Copiador" é um documento manuscrito, uma espécie de caderno, onde o secretário em exercício registra pedidos de compras de livros, relações de doações etc.

| Nome do Escritor | Total em Volumes (1858) | Total em volumes (1868) | Total |
|------------------|----------------------------|----------------------------|-------|
| Alexandre Dumas | 120 | 112 | 232 |
| Eugène Sue | 47 | 53 | 100 |
| Paul de Kock | 34 | 56 | 90 |
| Ponson Terrail | 00 | 76 | 76 |
| Paul Féval | 23 | 46 | 69 |
| Xavier Montépin | 27 | 36 | 63 |
| Georg Sand | 26 | 16 | 42 |
| Ernest Capendu | 00 | 37 | 37 |
| Arlincourt | 19 | 12 | 31 |
| Frédéric Soulié | 30 | 00 | 30 |
| Honoré Balzac | 14 | 00 | 14 |

Quadro 3: Alguns escritores franceses e o número de volumes entre 1858 e 1868 no catálogo do Gabinete Português de Leitura.⁷

Diante da variedade de escritores franceses no catálogo, a pergunta que orientou a pesquisa era porque Alexandre Dumas apresentava-se como o escritor mais representativo em termos numéricos. Com base no estudo dos catálogos, das atas da Diretoria do Gabinete e outros documentos manuscritos, como o “Livro do Copiador”, concluiu-se que esse interesse por Dumas estava relacionado a um gosto de uma época. Como existe uma grande variedade de romances em francês - 2.903 em língua francesa e 2.784 no vernáculo, num intervalo de dez anos (1858-1868)⁸ - e uma preferência por Dumas, haja vista sua grande representatividade em termos numéricos, considere que esses dados indicavam tanto a presença de um grupo de leitores, entre os frequentadores da biblioteca, quanto denotava um interesse pela cultura francesa no seio de uma parte da comunidade portuguesa no Brasil. Como vemos, o folhetim francês é uma forma literária que é tanto artística quanto de sociabilidade, isto é, *congrega tanto produção literária quanto existência social* (E. AUERBACH, 2007, p. 222). Isso porque o romance não começa a existir quando nasce por obra de um escritor, mas existe realmente quando é adotado pelos outros, quando começa a fazer parte da vida social, graças à experiência partilhada da leitura (M. V. LLOSA, 2009, p. 23). Neste sentido, associações como Gabinete Português de Leitura são modelares, no sentido de nos oferecerem situações sobre as quais pude me debruçar para melhor compreender o que vem a ser uma experiência particular de consumo literário, mas que estava combinada com um movimento geral de circulação do impresso entre a França e o Brasil. Digo isso porque a maior parte dos romances que foram recepcionados nesta associação vem de fora e visam satisfazer as necessidades dos leitores locais. Por outras palavras, trata-se da circulação do romance entre dois espaços nacionais, cujas demandas literárias dos associados não somente colocaram em movimento um mercado editorial transnacional, como também teceram um mapa cultural entre capitais literárias, graças à interação dinâmica entre homens e romances a partir de uma dimensão local. E uma

⁷ Baseado no *Catálogo dos Livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, 1857*, e *Catálogo Suplementar dos Livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, 1868*. Microfilmes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁸ Maiores detalhes sobre estes dados, mais os números de volumes nas outras línguas, como o inglês e o espanhol, ver Nelson Schapochnik, *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*, 1999, 270f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1999, p. 125 e p. 141.

maneira que encontrei para adentrar no tecido destas relações transnacionais mediadas pela literatura foi acompanhar a recepção do romance-folhetim, primeiro, num território nacional, Rio de Janeiro, e num local específico, o Gabinete Português de Leitura, segundo, identificando quais eram as preferências literárias de um público em formação, os caixeiros portugueses, e, terceiro, destacando quem era o escritor de sucesso neste contexto. Tratou-se, portanto, de um estudo de demandas literárias e das tendências sociais difundidas num espaço social específico (S. KRACAUER, 2009).

Para encerrar esta pequena história da leitura e do livro que minha pesquisa de doutoramento buscou retratar, lembro que o objetivo de uma parte da tese era tentar traçar quem eram as frações, para além da elite carioca, que eram os portadores e suporte do romance-folhetim no Rio de Janeiro. Para isso foi preciso tentar reconstruir um novo mapa cultural do romance-folhetim a partir de uma situação local, sem desconsiderar sua relação dinâmica com outros espaços nacionais, como a França, berço do folhetim. De modo esquemático, compreendi que: (I) diante da existência de uma associação brasileira formada por emigrantes portugueses, mas que carecia de definição sociológica enquanto grupo social; (II) considerando as pesquisas já realizadas sobre o Gabinete, que já indicavam a existência de determinados gostos, necessidades literárias específicas e davam indicativos de um perfil social dos frequentadores; (III) tendo a disposição inúmeras fontes primárias, como catálogos e outros documentos manuscritos, o caminho para adentrar a teia da “globalização” da cultura do romance-folhetim entre 1860 e 1870 estava preparado e pode ser trilhado a partir deste ambiente cultural mais particular em direção a um universo mais geral. Tratou-se, portanto, de construir uma espécie de “mapa” cultural dessas publicações, buscando figurar um “espaço” onde essas diferentes obras circulavam, lembrando que “[...] nos romances europeus modernos, o que ocorre depende muito de onde ocorre” (F. MORETTI, 2003, p. 81). E foi por intermédio da dinâmica dos espaços (E. AUERBACH, op. cit., pp. 222-255) que nos foi apresentado uma fração do público literário das transferências culturais entre a França e o Brasil no século XIX.

Bibliografia

- ABREU, Márcia (2003). *Os caminhos dos livros*, Campinas-SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: FAPESP.
- AUERBACH, Erich (2007). “*La cour et la ville*”, in: *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*, São Paulo: Duas cidades; Ed. 34.
- BENJAMIN, Walter (2000). *Obras escolhidas III - Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*, 2ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo (1985). “Romantismo: os gêneros”, in: _____, *Presença da literatura brasileira - história e antologia: I. Das origens ao realismo*, São Paulo: Difel.
- CANDIDO, Antonio (2000). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda.
- CANDIDO, Antonio (2002). *O romantismo no Brasil*, São Paulo: Humanitas/FFLCH/SP.
- Catálogo dos Livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, 1857*. Microfilmes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
- Catálogo Suplementar dos Livros do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, 1868*. Microfilmes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
- CHARTIER, Roger (1996). *Práticas da leitura*, São Paulo: Estação Liberdade.

- COOPER-RICHET, Diana (2005). “Introduction”, in: *Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIX^e et XX^e siècle) sous la direction de Diana Cooper-Richet, Jean-Yves Mollier, Ahmed Silem*, Villeurbanne Cedex: Presse de l'enssib.
- ESPAGNE, Michel (2002). “Les capitales littéraires allemandes”, in: *Capitales culturelles Capitales symboliques: Paris et les expériences européennes XVIII^e-XIX^e siècles*, sous la direction de Christophe Charle et Daniel Roche, Paris: Publications de la Sorbonne.
- ESPAGNE, Michel (1999). *Les transferts culturels franco-allemands*, Paris: Presse Universitaires de France.
- FERNANDES, Florestan (2009). *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*, 6^a ed., São Paulo: Gaudí Editorial.
- FERNANDES, Florestan (2010). *Florestan Fernandes: leituras e legados*, apresentação Maria Arminda do Nascimento Arruda, 1^a ed., São Paulo: Global.
- HEINEBERG, Ilana (2004). *La suite au prochaine numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des cotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*, Thèse de Doctorat, 400 p. Université de La Sourbonne Nouvelle - Paris III - UFR d'Études Ibériques et Latino-Américaines, 2004, pp. 02-41 - consulta site : <http://www.bv.fapesp.br/pt/projetos-tematicos/1133/caminhos-romance-brasil/teses>; acesso: junho 2013.
- KRACAUER, Siegfried (2009). “Sobre livros de sucesso e seu público”, in: *O ornamento da massa*, São Paulo: Cosac & Naif.
- LLOSA, Mario Vargas (2009). “É possível pensar o mundo moderno sem o romance?”, in: *A cultura do romance*, Franco Moretti (org.), São Paulo: Cosac Naify.
- MARX, Karl (1990). *18 Brumário de Luís Bonaparte*, São Paulo: Ed. Mandacaru.
- MEYER, Marlyse (1998). *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- MEYER, Marlyse (1996). *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MOLLIER, Jean-Yves (2008). “Traduction et mondialisation de la fiction: l'exemple d'Alexandre Dumas père en Amérique du Sud”, in: *Vingt-quatrièmes Assises de la traduction littéraire (Arles 2007)*, Actes Sud.
- MORETTI, Franco (2003). *Atlas do romance europeu 1800-1900*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- PAIXÃO, Alexandre Henrique (2011). “Um público para a literatura oitocentista no Brasil: o exemplo dos emigrantes portugueses do Rio de Janeiro”, in: *Escritos: revista da Fundação Casa de Rui Barbosa - Ano 5, n. 5*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- PAIXÃO, Alexandre Henrique (2012). *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*, 2012, 316f. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHAPOCHNIK, Nelson (1999). *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*, 1999, 270f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- SCHUCKING, Levin L. (1950). *El gusto literario*, México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.